



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH IV
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

JAILMA PEREIRA DOS SANTOS
RAQUEL SANTOS NASCIMENTO

**A LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO MECANISMO
DE INCLUSÃO SOCIAL.**

Jacobina – BA

2016

JAILMA PEREIRA DOS SANTOS
RAQUEL SANTOS NASCIMENTO

**A LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO MECANISMO
DE INCLUSÃO SOCIAL.**

Trabalho Monográfico apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas- Campus IV, como requisito parcial a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. José Benedito Andrade de Oliveira

Jacobina-BA

2016

JAILMA PEREIRA DOS SANTOS
RAQUEL SANTOS NASCIMENTO

**A LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO MECANISMO DE
INCLUSÃO SOCIAL.**

Trabalho Monográfico apresentado à Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Ciências Humanas- *Campus IV*, como requisito parcial à
conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, Língua Portuguesa e
Literaturas.

Prof. José Benedito Andrade de Oliveira
Orientador - UNEB

Profa. Maria Iraides da Silva Barreto
Avaliadora - UNEB

Profa. Helga Porto Miranda
Avaliadora - UNEB

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e determinação para vencer mais uma etapa da minha vida, nem só no período em que estive na faculdade mais em todos os momentos. Aos meus pais Maria Luiza Bispo dos Santos e José Pereira dos Santos e a minha família que sempre me apoiou para que eu não desistisse do curso. Ao orientador José Benedito Andrade de Oliveira pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho nos dando força e incentivo. A professora Kátia Cristina Novais Leite pelo apoio e a esta universidade, ao corpo docente, por ter me proporcionado conhecimentos, pela dedicação e paciência nesse processo de formação acadêmica.

Jailma Pereira dos Santos

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar ao meu bom e eterno Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. Agradeço também ao meu esposo, Sidnei Oliveira, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades. E não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa a meus pais, Veneranda dos Santos e Jorge Luiz, a quem eu rogo todas as noites a minha existência. A minha irmã Renata Nascimento e aos meus cunhados Ademilson Oliveira e Ricardo Nascimento pelo incentivo e carinho, as palavras certas nos momentos que mais precisei a toda minha família tios, primos e amigos que direta ou indiretamente colaboraram para o meu sucesso.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e com carinho especial a professora Kátia Cristina Novais Leite, pelo cuidado e ensinamentos.

Ao professor José Benedito Andrade de Oliveira pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Raquel Santos Nascimento

“É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ótica, outra ética... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos acham que tem cara de aula porque se tiver deixa de ser literatura”.

(ABRAMOVICH, 1997, p. 7)

RESUMO

A presente pesquisa exploratória aborda sobre a literatura infanto-juvenil, contextualizando sua história, e a importância dessa literatura no processo de ensino e aprendizagem da pessoa com deficiência. A literatura infanto-juvenil consegue despertar o imaginário da pessoa com deficiência e proporcionar momentos prazerosos, em que elas podem imaginar, fantasiar e expor suas emoções e sentimentos através das histórias que lhes foram apresentadas. Através das pesquisas bibliográficas, entrevista e estudo de caso, foi possível expormos uma reflexão sobre inclusão social dentro e fora da sala de aula. Nesta perspectiva compreendemos inclusão como um processo de inserir a pessoa com deficiência na sociedade onde eles possam ter direitos e deveres como qualquer outra pessoa. Também abordamos o desenvolvimento do processo de inclusão social no Brasil e na cidade de Jacobina-BA, ressaltando como a literatura infanto-juvenil pode contribuir no processo de inclusão social da pessoa com deficiência, pois a mesma ao movimentar o imaginário e a construção da identidade dessas pessoas elas desenvolvem o intelectual e o cognitivo tornando-as mais ativas, além de trabalhar as heranças culturais para o desenvolvimento do ser humano, assim como também é importante o compromisso do professor e do adulto mediador em se preparar ao levar essa literatura ao seu público.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Inclusão social. Aprendizagem.

ABSTRACT

This exploratory research focuses on children's literature, contextualizing its history, and the importance of literature in the teaching and learning of people with disabilities, the children's literature can arouse the imagination of people with disabilities and provide them moments pleasant, where they can imagine, fantasize and express their emotions and feelings through stories that were presented to them. Through bibliographical research, interview and case study, it was possible to expose a reflection on social inclusion in and out of the classroom, where inclusion is a process of inserting the disabled in society where they can have rights and duties as any another person. Also we approach the development of the social inclusion process in Brazil and in the city of Jacobina, BA, highlighting how children's literature can contribute to the process of social inclusion of people with disabilities, for the same to move the imaginary and the construction of identity these people they develop the intellectual and cognitive making it the most active, in addition to working the cultural heritage for the development of the human being, and it is also important for the teacher's commitment and adult mediator in preparing to bring this literature to its public.

Keywords: children's literature. Social inclusion. Learning.

LISTA DE TABELA

Tabela 1- Livros de literatura trabalhados na sala de aula na APAE de Jacobina e os resultados desse trabalho de acordo com as diferentes deficiências atendidas na instituição	40
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

APCD- Associação da Pessoa com Deficiência

AEE- Atendimento Educacional especializado

FENAPAES- Federação Nacional das APAEs

CENEB- Centro Noturno de Educação da Bahia

FENAPESTALOZE- Federação Nacional das Associações Pestalozzi.

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 LITERATURA INFANTO-JUVENIL: CONTEXTUALIZANDO SUA HISTÓRIA.	14
1.1 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM	17
1.2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE DA SALA DE AULA INCLUSIVA.	22
2 DISCUTINDO INCLUSÃO SOCIAL E O ACESSO A LEITURA PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA.....	25
2.1 A INCLUSÃO ATRAVÉS DO OLHAR DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	28
2.2 CONTEXTO HISTÓRICO DA INCLUSÃO SOCIAL NO BRASIL	29
2.3 A INCLUSÃO SOCIAL E O TRABALHO DA LITERATURA NA SALA DE AULA DA APAE DE JACOBINA.....	32
3 LITERATURA INFANTO-JUVENIL E INCLUSÃO: UMA PARCERIA CHEIA DE POSSIBILIDADES	35
CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS E INQUIETATIVAS	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE	46

INTRODUÇÃO

A partir das experiências vividas durante o ano de 2013, com projeto de leitura realizado na APAE na cidade de Jacobina-BA, esse período nos levou a pensar e analisar sobre questões envolvendo a leitura e as metodologias que os professores da instituição de ensino utilizam para trabalhar a literatura infanto-juvenil em sala. Nosso Estágio Supervisionado II também foi realizado na mesma instituição onde utilizamos contos literários para trabalharmos a aceitação das diferenças e o relacionamento com o próximo, esse foi um dos maiores instrumentos que nos levou a indagar de que maneira a literatura infanto-juvenil contribui no processo de inclusão social dessas pessoas com deficiências seja ela intelectual ou múltipla, participamos de forma direta no processo de formação das crianças pesquisadas e observamos as influências da literatura infanto-juvenil in lócus.

A partir do público que a instituição acolhe buscamos analisar quais aspectos o trabalho com literatura envolve-os com questões do cotidiano a partir dos ensinamentos retirados das histórias, pois muitas tratam das relações humanas que envolvem assuntos pertinentes ao desenvolvimento dos indivíduos como, por exemplo: relacionamentos (família, amigos), valores (dinheiro, educação), sentimentos (frustração, tristeza).

A literatura infanto-juvenil é um importante instrumento de propagação dos objetivos e valores dos seres humanos, são a partir deles que a criança passa a ter contato com os problemas humanos, principalmente aos relacionados ao seu meio.

Diante das experiências vivenciadas destacamos a seguinte questão: De que maneira a literatura infanto-juvenil contribui no processo de inclusão social dentro e fora da instituição de ensino da pessoa com deficiência? Qual a importância do ensino com a literatura infanto-juvenil para os alunos?

Procuramos assim evidenciar a importância e contribuição da literatura infanto-juvenil no desenvolvimento de leitores e na educação especial para pessoas com deficiências intelectuais e múltiplas na APAE de Jacobina. Entender de que forma

essa literatura é trabalhada com alunos com deficiência. Relacionando as modalidades de linguagem utilizadas nas leituras, como fonte de entretenimento e na construção de valores, hábitos e atitudes saudáveis e como a literatura é um facilitador quando se refere à inclusão social das pessoas que frequentam o ensino especial.

Para trabalhar com essa literatura é necessário ter uma formação adequada e habilidade para conseguir envolver os alunos na aula transformando-a em um momento prazeroso. Para o professor essa é uma responsabilidade muito grande, pois através da forma com que ele irá trabalhar os temas com seus alunos o educador terá o poder de tornar a literatura para a criança um dos momentos mais maravilhosos de suas vidas e que sempre buscarão esse contato com a literatura ou criando um afastamento por parte do aluno.

O desenvolvimento desse trabalho se deu através de procedimentos metodológicos, onde realizamos uma pesquisa exploratória que segundo Gil (2002, p. 41) este tipo de pesquisa tem como finalidade o “aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos ao fato estudado”, onde procuraremos nos familiarizar e tornar mais explícito como se dá o desenvolvimento da pessoa com deficiências a partir das literaturas infanto-juvenis lidas e trabalhadas em sala de aula na APAE de Jacobina.

Para tal processo fizemos um estudo de caso. Neste sentido, Gil (2002) relata que “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados” (p.54). Onde realizamos pesquisas, entrevistas, levantamento de dados, observações e até mesmo a pesquisa bibliográfica, pois para a realização dessa pesquisa precisamos ler e analisar experiências vividas anteriormente por outras pessoas para assim chegarmos a respostas para nossa problemática, que era analisar como tal literatura influencia na inclusão social dos alunos.

Também utilizamos uma pesquisa de cunho qualitativa que Minayo (2002 p. 21,22) explica que “Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados,

motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” Onde focamos na obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo com nosso objeto de estudo. Procuremos entender a partir da coleta dos dados as contribuições da literatura infanto-juvenil para com o processo de inclusão social dos alunos com necessidades especiais. Foram observados os ambientes das salas, a ministração das aulas.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, o primeiro vem abordando a literatura infanto-juvenil: contextualizando sua história, o processo de ensino e aprendizagem e também sobre a literatura infanto-juvenil na contemporaneidade da sala de aula inclusiva. No segundo capítulo discutimos a inclusão social, o contexto histórico no Brasil e a inclusão social em Jacobina. O terceiro capítulo, apresentamos a literatura infanto-juvenil e inclusão: uma parceria cheia de possibilidades em que procuramos mostrar alguns resultados da nossa experiência com o trabalho de literatura com pessoas com necessidades especiais na APAE de Jacobina-BA.

1 LITERATURA INFANTO-JUVENIL: CONTEXTUALIZANDO SUA HISTÓRIA.

Sabe-se que a literatura, na antiguidade era voltada apenas para adultos e que não se pensava em escrever textos direcionados às crianças, porém, as crianças que faziam parte da nobreza liam os contos clássicos para aprender a língua e conceitos morais, e as crianças que faziam parte de classes inferiores ouviam histórias das aventuras, as lendas folclóricas e os cordéis.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. (ARIÈS, 2014, p. 17)

Na idade média, segundo Ariès (2014), não se reconhecia a infância, as crianças eram consideradas “miniaturas” dos adultos, não existia a necessidade de ter uma literatura voltada para as crianças e jovens eles que deveriam habituar-se com sua família adulta.

Mas com as novas estruturas familiares, sociais e econômicas foi mudando seus conceitos em relação à infância, começaram a pensar que as crianças necessitavam de uma atenção maior, pois estavam despreparados para a sua adaptação a essa nova sociedade.

Um novo sentimento de infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de “paparicação”. (ARIÈS 2014, p. 158)

Ao se referir ao “novo sentimento” não está se aludindo ao sentimento de afeição ou carinho às crianças, mas sim a consciência do que é a infância, a sociedade começou a perceber que a criança é um ser que se desenvolvera de acordo com o que os adultos lhe passar, ou seja, o adulto que deve inclui-lo na sociedade, na família. Segundo Zilberman e Magalhães (1984).

É neste contexto que nasce a literatura infantil; seu aparecimento, porém, tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo status concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. (MAGALHÃES, ZILBERMAN 1984, p.3)

Com um novo olhar sobre a infância houve a necessidade de adequar a literatura para o público infantil, deste modo surgiram os contos de fadas e histórias voltadas para as crianças.

A literatura infanto-juvenil é um mundo de realidade e fantasia em que uma criança tem a oportunidade de criar e definir o seu gosto pela leitura. Apesar de a literatura infantil ser direcionada para criança e/ou adolescente, ela sempre foi produzida por adultos e tem sua tradição pedagógica.

As crianças e adolescentes sempre ficaram a margem da produção cultural, mesmo quando diz respeito aos seus interesses individuais. Contudo, a literatura produzida hoje para crianças, tinha no início de sua criação, o objetivo de entreter os adultos na idade média, passando a ser coletada e divulgada a partir do século XVII. (CADEMARTORI, 2010)

No Brasil a literatura infantil começou a transitar no século XIX, (MAGALHÃES, ZILBERMAN 1984), mas mesmo assim sofreu grandes dificuldades para circular livremente na sociedade e para ser reconhecida como manifestação artística. Essa literatura só foi oficializada na década de vinte com as obras de Monteiro Lobato. Ele é um grande nome da literatura brasileira, pode-se dizer que foi o precursor da literatura infantil no Brasil com suas obras em que, a realidade e a fantasia andam juntas.

Um levantamento dos primeiros textos infantis que circularam no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, deveria incluir nomes como os de Alberto Figueiredo Pimentel, Alxina de Magalhães Pinto, Júlia Lopes de Almeida, entre outros. (MAGALHÃES, ZILBERMAN 1984, p.135)

Para Lajolo (1984) a literatura infantil no Brasil, primeiramente não se deu apenas com os contos de fadas, mas sim um projeto educativo e ideológico, que aliou a literatura infantil e a escola como mediadores para a educação e formação de cidadãos. Zilberman e Magalhães (1984) por sua vez, apresentam a questão da necessidade utilitária e/ou pedagógica da literatura infantil, avaliando a partir de um contexto histórico o surgimento do gênero literário diz a autora:

Outrossim, há um vínculo estreito entre seu surgimento e um processo social que marca indelevelmente a civilização europeia moderna e, por extensão, ocidental. Trata-se da emergência, da família burguesa, a que se associam, em decorrência, a formulação do conceito atual de infância, modificando o *status* da criança na sociedade e no âmbito doméstico, e o estabelecimento de aparelhos ideológicos que visarão a preservar a unidade do lar e, especialmente, o lugar do jovem no meio social. (MAGALHÃES, ZILBERMAN, 1984, p. 04)

Para a autora, são as consequências dessa realidade que determina o lugar da literatura infantil em espaços de autoridade para se fazer cumprir as exigências do modo atual de vida tendo como principal espaço de afirmação a escola. Sendo assim, o professor através da sua mediação levará ao discente uma literatura mais

próxima da realidade de vida de cada um, contribuindo no seu desenvolvimento cognitivo e também formação Cidadã.

Logo podemos articular a Literatura Infantil a um gênero literário ligado com a escola, pois possui um critério didático pedagógico, é, portanto impossível separa-lo da escola, pois ele vem desde sua constituição.

Historicamente, a literatura infantil é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola assumir e realizar. (CADEMARTORI, 2010, p.13)

Como podemos perceber, a literatura infantil é considerada o “primo pobre” por não ter grande importância no cunho literário, ou seja, a estética na literatura que é trabalhar a literatura infantil de forma prazerosa, causando na criança a vontade de ler, uma facilidade na expressão de seus sentimentos, utilizando os sonhos, o encantamento a fantasia das narrativas, fazendo com que sejam leitores por prazer e não por obrigação.

Mas, no campo da educação as histórias infantis são trabalhadas como ferramenta para ensinar as crianças a ler, ou seja, a literatura infantil era apenas utilitária, ela tem seu foco puramente pedagógico e moralista, o livro de histórias infantis tornou-se didático, e tradicionalista. No sistema da educação o papel da literatura infantil se torna mais importante, desenvolvendo a linguagem e o intelectual do homem, por isso a escola preocupou-se em trabalhar o livro de modo utilitário.

Perrotti conheceu de perto a geração de escritores de 1970, fundadores de uma nova tendência na literatura infantil, voltada para o estético, para a literariedade em oposição ao utilitarismo. Embora a discussão a respeito da esteticidade e do utilitarismo na literatura para crianças já estivesse posta pelos críticos literários, avançou historicamente com Perrotti ao desmarcar a nova tendência, tomando como objetivo de análise o livro de João Carlos Marinho, Caneco de Prata (1971), obra apontada como divisor de águas entre a tradição e a inovação na literatura infantil brasileira. (BORTOLANZA; SANTOS, s/d, p. 7)

A leitura de forma livre, descomprometida de conceitos pedagógicos e de forma a estimular o leitor por prazer fica a deriva diante de regras estabelecidas por um conceito de mundo autoritário em que outras formas de ver a vida não passam de perda de tempo. Tratando do discurso utilitário Perrotti (1986) afirma:

Se o discurso utilitário segue o seu curso normal, chegando até nossos dias como forma dominante, a partir do século XIX deixa de ser exclusivo, graças ao abalo que o romantismo imporá à cultura europeia. A explosão romântica, ao reivindicar o primado da emoção sobre a razão, repercutiria

no mundo da literatura para crianças, privilegiando elementos que não poderiam estar presentes no contexto anterior. (PERROTTI, 1986, p.51)

No entanto, a discussão em torno do utilitário na literatura infantil prevalece em muitos casos. Para Khéde (1986) criação de literatura para crianças e jovens se juntaram a escola e a família para que, assim as crianças e jovens já cresçam adaptados ao novo modelo de sociedade, com diz Jesualdo (1985).

Determinar a função que a literatura infantil tende a realizar na alma e no cérebro da criança é configurar, de certo modo, todo o problema partindo de sua necessidade. Aparentemente, este não é o único aspecto analisável, haja em vista a importância da literatura infantil também como instrumento de educação. (JESUALDO, 1985, p. 23)

A literatura infanto-juvenil tem várias funções bem como distração, estimula interesses adormecidos, desenvolvendo o cognitivo e o intelectual do indivíduo, como informa Jesualdo (1985, p.) “junta-se a todas essas funções mais uma: a da identificação, pelo prazer que toda leitura com pretensões a ser de algum proveito deve provocar na alma da criança” (JESUALDO, 1985, p. 30). A função do professor neste caso é a de saber que tipo de leitura é mais indicada para cada faixa etária. Necessariamente não ser prolixo, precisando explicar de forma maçante os benefícios de tais livros e autores, afastando o encanto e o prazer da leitura.

1.1 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

A literatura infanto-juvenil contribui bastante no processo de ensino e aprendizagem, onde cabe ao professor saber utilizar os contos de fada de maneira em que o aluno possa fantasiar viajar no mundo dos personagens, criando assim o gosto pela leitura, pois a depender da forma como o professor venha a trabalhar a literatura infanto-juvenil em sala de aula ele pode ao invés de aproximar o discente do mundo da leitura, acabará afastando o mesmo, ou seja, faz com que o aluno perca o prazer em ler, com isso cabe ao docente o papel de proporcionar e de formar leitores que encontrem o prazer, se emocionem e se tornem no decorrer do tempo leitores críticos.

Promover a aproximação entre os alunos e o texto é um processo delicado que requer maestria, logo a criança só tomará gosto pela leitura se o mundo

literário for apresentado a ela em pequenas doses e de maneira prazerosa, já que ler é o ato de sentir-se bem, e é nesse sentir-se bem que entra a Literatura Infantil. (SILVA, p.31)

A história será desejada pelo leitor quando ele perceber que foi tocado profundamente por seu encanto e que se sente presente diante do texto que ler. Bettelheim (2002) afirma que:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 2002, p. 5)

De certa forma faz parte do papel do professor de literatura infanto-juvenil a mediação entre o texto e o aluno, começando com uma boa roda de conversa para que não se torne uma leitura vazia sem sentido, em que aconteça apenas a decodificação das palavras, no entanto antes de passar uma leitura o professor precisa dar sentido fazendo com que o aluno interaja com o texto e que ele possa estar ativamente na construção de sentidos ao texto. Imprescindível é o professor conhecer o livro que indica para seus alunos.

Antes de se trabalhar a literatura escrita para crianças e jovens em sala de aula apenas como aspecto pedagógico deve ser pensado como um mecanismo para a propagação de valores, construindo leitores críticos, que saibam lidar com situações fazendo-os aceitar os problemas, que enfrentem tais como seres pensantes, onde possam encarar os problemas universais ou até mesmo aceitá-los sem grandes decepções. A literatura trabalhada de forma criativa incentiva o aluno a participar e a compreender situações difíceis de serem encaradas, facilitará para o educando compreender os problemas humanos principalmente os relacionados ao seu meio.

A literatura aguça o imaginário, quebra regras, estimula o pensamento e também rompe com padrões, traz em suas histórias o fantástico e o maravilhoso. A literatura está muito presente em nosso cotidiano, crescemos ouvindo história como os contos de fadas; Essas narrativas possuem muitos ensinamentos como a aceitação do

próximo, a convivência diária com nossos semelhantes mesmo que eles sejam diferentes de nós. Para Bettelheim (2002):

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugere as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeiramente identidade. (BETTELHEIM, 2002, p.32)

A Literatura Infanto-juvenil tem um grande significado na construção da identidade dos indivíduos de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo, aumentando a capacidade de melhor entender seus semelhantes, relacionando-se com eles de forma mais harmoniosa.

Segundo Costa (2002) “a literatura visa muito mais à formação pessoal e emocional do leitor do que a sua ilustração sua aprendizagem científica”.

Os contos de fadas fazem com que o indivíduo se assemelhe, vejam-se nas personagens, pois as mesmas se identificam de acordo a seu modo de ser, agir, ou seja, de acordo com o seu comportamento.

A construção do personagem como herói, mesmo quando esse herói é problemático, possibilita não só uma chave decifratória do texto como análise, que nos interessa mais de perto, de como a criança e o jovem – sujeitos em formação – poderão desenvolver de identificação e rejeição com as características dominantes dos personagens. (KHÉDE, 1986, P.09).

Sendo assim, cada indivíduo diante da sua realidade de vida vai se identificar com um determinado personagem, ou seja, se os discentes forem pessoas carinhosas vão afeiçoar-se com os príncipes e princesas, mas se forem rebeldes irão se identificar com as bruxas e os vilões. Segundo Khéde (1986) “[...] nos contos de fadas são tipos de caricaturas. Representam um modelo fechado de sociedade com valores plenos e estratificados e por isso são heróis, anti-heróis ou vilões no seu sentido absoluto” (KHÉDE, 1986, p. 57).

Não há dúvida que a literatura seja importante para a formação do indivíduo, ela propõe muitos desafios e apresenta dificuldades através de suas histórias não apenas para as crianças, mas para os jovens e adultos. Cademartori (2010) afirma que

Com frequência, no livro infantil se desenha nosso sonho de infância, ou, noutro extremo, predomina o intuito de formação, ganha forma a concepção racional e ideológica do que o adulto pensa deva fazer parte dos conceitos a serem adquiridos na infância. (CADEMARTORI, 2010, p.17)

Depende deles e de sua boa vontade em torna-los como exemplos para suas vidas, e aprender a superá-los. Tentar superá-los é a meta primordial para qualquer um que queira enfrentar essa barreira e, com isso, ajudar a mudar o rumo da história de cada educando, fazendo-o entender que quem lê transcende o tempo e se permite uma viagem de prazer extraordinária, visto que a leitura é uma experiência pessoal e sem comparação. A literatura tem tantas marcas da vida dos seres humanos que Costa (2002) assina-la que “Autores de literatura pesquisam a respeito da cultura, da geografia, da profissão, do modo histórico e buscam outros dados, que julgam necessários para melhor construir o ambiente em que será desenvolvida a história” (COSTA, 2002, p. 28), eles buscam as realidades da vida de possíveis leitores e as transforma em histórias e assim aguça o imaginário dos leitores que passam por essas experiências.

As ilustrações dos livros de literatura infantil não são apenas uma representação do texto verbal em forma de desenhos, pois uma imagem dentro de um texto escrito, ela vem com algum valor no texto, seja para completar ou dar sentido ao mesmo, também pode ser ao contrário o texto pode de certa forma dar sentido ou completar o sentido da imagem.

O imagético representado nos livros podem ser analisados, interpretados, ajudando muitas vezes na compreensão do que está escrito visto que podemos fazer leituras das mesmas, pois, elas possuem sentido principalmente para uma criança que ainda não adquiriu o domínio da leitura verbal, tanto que os livros de imagens não são mais vistos apenas como um brinquedo.

As diversas possibilidades de elaboração de narrativas mostram, por exemplo, que atualmente o “livro brinquedo” frequenta as estantes de livrarias, de bibliotecas públicas e escolares de forma a cumprir um papel que, por vezes, ultrapassa a ideia de lazer/brincadeira. Ver alguma coisa, brincar e criar histórias a partir dela é o que se oferece a crianças que não dominam o sistema de escrita alfabética, mas, que podem produzir sentidos utilizando estruturas textuais da língua que já dominam. (BELMIRO 2012, p.106)

Diante da citação sabemos que com essa nova era das imagens, é importante a o trabalho com a imagem na sala de aula, mais sem esquecer-se da leitura verbal, da

escrita, pois, uma pode complementar a outra como aponta o artigo linguagens educativas – perspectivas interdisciplinares, “Hoje, mais do que nunca, a palavra e imagem têm ligação evidente e clara em todas as situações, vivemos na era da imagem e a escolha de uma cena no texto não necessita servir rigorosamente às exigências do mesmo” (BIONDO, COSTA, BRITO, 2008). A mediação do professor é de suma importância nesse processo de leitura e interpretação das imagens, para capacitar o aluno de maneira que ele possa entender e compreender o mundo, mais para isso o trabalho com a imagem na sala de aula precisa ser produtivo e construtivo, oferecendo uma educação completa aos alunos sem negar aos mesmos o conhecimento através das imagens mais sem esquecer-se das palavras. Segundo Belmiro (2012) mais do que “*o que*” são essas linguagens, vale aproveitar “*o como*” se dão essas relações para que se possa depreender, em materiais que circulam na escola, as diferentes formas de aproximação entre imagem e texto, trazendo assim para sala de aula a compreensão de diferentes linguagens bem como o imagético e o verbal. Vivemos em um mundo em que sabemos que a imagem está cada vez mais presente, temos a televisão, imagens que encontramos na rua, em jornais, revistas, nas embalagens, na arte entre outros, sabemos que as imagens comunicam ideias e que desde os primórdios, ou seja, da existência das cavernas os desenhos já existiam como forma de comunicação e de interação entre as pessoas mesmo antes da escrita, com isso sabemos da importância que vem a ter as ilustrações dos livros de literatura infantil, pois, o imagético chama a atenção do leitor principalmente se tratando das crianças.

O livro de literatura infantil nos oferece segundo Celia Abicalil Belmiro exemplos pertinentes sobre as relações de sentidos entre o texto verbal e as imagens, em que ambos andam juntos numa construção de sentidos, onde um dialoga com o outro. Para Belmiro (2012) “Basta atentar para as interpretações de texto verbal e imagens, para verificar que um modo define os outros modos de compreender a realidade” (BELMIRO, 2012, p. 110). Ou seja, as imagens criam textos assim como os textos criam imagem, pois, um pintor pode se inspirar em uma obra literária ou em outro texto verbal e produzir uma imagem, bem como um escritor pode se inspirar em uma imagem para criar um poema, um livro, ou um texto verbal qualquer.

Mas sabemos que cada linguagem tem suas características e que cada uma com a mediação do professor irá contribuir no processo de ensino e aprendizagem do

aluno, e cabe ao professor ter interesse e competência para saber lidar e trabalhar a relação das diferentes linguagens seja ela verbal, oral ou imagética.

1.2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE DA SALA DE AULA INCLUSIVA.

Sabemos que nesse século o que predomina entre crianças e jovens são sem dúvidas, as tecnologias digitais que estão disponíveis a maioria das pessoas e em quase todos os lugares, então nos perguntamos: nossas crianças e jovens utilizam dessas tecnologias para também terem contato com a literatura? Para Simões (2011), em sua pesquisa de mestrado realizada na UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, foi possível afirmar que:

A interpretação dos dados apontou que é possível considerar que os artefatos digitais, com os quais as crianças convivem contemporaneamente, foram mediadores dos processos de ler e escrever no que refere aos sujeitos da pesquisa, tendo favorecido o interesse destes pela leitura e pela escrita.

Porém, parece público o fato de que poucas pessoas ainda frequentam bibliotecas públicas, o custo de livros para nossa sociedade é muito alto então muitas vezes as pessoas acabam não tendo contato com o livro, mas por outro lado é muito fácil encontrarmos livros grátis na internet onde uma grande maioria tem acesso.

O crescimento e a diferenciação dos públicos leitores associam-se ao processo de industrialização da cultura que acontece a partir do século 18. Com o desenvolvimento dos meios de reprodução mecânica, o aumento dos grupos alfabetizados e a necessidade de estímulo ao consumo, as criações intelectuais e artísticas possíveis de multiplicação foram colocadas ao alcance da ascendente população urbana. (MAGALHÃES, ZILBERMAN, 1984, p. 61)

Na grande maioria das escolas temos uma sala de informática e uma biblioteca, cabe ao professor conseguir conciliar as duas ferramentas, mostrando ao aluno que podemos frequentar a biblioteca e também fazer uso da tecnologia digital para o mesmo objetivo.

E a escola que deve ser a grande mediadora entre livro e leitor, como ela desenvolve seu trabalho diante de algumas dificuldades? Quais os problemas mais frequentes em relação ao estímulo a leitura? Azevedo (2005) diz:

Creio que uma das razões que levam a escola a lidar com dificuldade com os temas humanos concretos, portanto não informativos nem passíveis de didatização, pode ser o treinamento dado aos professores. Estes costumam ser condicionados a estabelecer uma relação unilateral, de mão única, essencialmente não dialógica com seus alunos: professores “sabem” e alunos “não sabem” (AZEVEDO, 2005, p.7).

Sabemos que o professor não é o único dono do saber e que a cada dia ele busca se profissionalizar, mas sem dúvida um dos melhores lugares para se buscar e construir conhecimento é em sala com seus alunos, eles são capazes de socializar com os professores, ensinamentos que muitas vezes ficam subentendidos, por isso devemos cada vez mais, nos adaptar e conhecer nossos alunos; antes de se trabalhar qualquer assunto, devemos saber sobre as vivências de cada estudante.

A meu ver, nossas escolas, tirando as exceções de praxe que por sorte existem, infelizmente não estão preparadas para lidar com a literatura e acabam transformando o que deveria ser uma leitura intuitiva, pessoal, prazerosa, livre, emocional, um contato espontâneo com o discurso poético e com a ficção em uma atividade didática, compulsória, impessoal e utilitária. Uma leitura para ser avaliada através de critérios bons para as matérias informativas, mas estranhos à literatura. Uma leitura com perguntas cujas respostas já estão pré-determinadas nas fichas preparadas por editoras. Tento dizer que uma abordagem unicamente utilitária de um texto literário não é adequada, nem vai contribuir na formação de nenhum leitor. (AZEVEDO, 2001, p.4)

Devemos entender que os alunos não devem ler apenas por obrigação, mas ensiná-los de forma lúdica, ou seja, ler por diversão, a ler por desejo próprio. A criança é envolvida pelo o que lhe atrai, como movimento, cor, sons, imagens, entre outros. No artigo *Literatura Surda*, de Lodenir Becker Karnopp, aborda como a literatura infantil surda é, e pode ser trabalhada com pessoas surdas.

Diferentes artefatos culturais são produzidos no sentido de dar sustentação a determinados discursos sobre surdos. Entre eles, destacamos a literatura infantil que está presente em diferentes contextos sociais, sendo a escola um espaço privilegiado da leitura desse material. Nos últimos anos, essa literatura tem sido foco de pesquisas na área da educação justamente por sua inserção e disseminação nas escolas, entre professores e alunos, tanto como material de instrução como de lazer. (KARNOPP, 2006, p. 101)

Assim, com esse cuidado em relação aos alunos, as crianças crescerão com gosto pela literatura sem ter rejeição, e acabam percebendo como os contos de fadas e a literatura infanto-juvenil em geral, mexam com o imaginário de cada um de maneira diferente fazendo com que eles se identifiquem ou não com os personagens, sintam medo ou afeição por eles, exercitando o ouvir e o ver, assim como utilizado nas literaturas para surdos, onde as histórias são adaptas para ele tenham contato com elas seja através de imagens, movimentos das mãos e expressão corporal.

Possibilitando o falar, o ver, exercitando o ser e o sentir e estimulando a construção da subjetividade – identidade.

2 DISCUTINDO INCLUSÃO SOCIAL E O ACESSO A LEITURA PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Incluir é inserir ou fazer parte de um grupo, quando falamos de inclusão social das pessoas com deficiência, significa que as pessoas com deficiências podem participar ativamente da educação, da vida social, econômica, e política do meio em que vivem, sendo respeitadas e asseguradas por seus direitos conquistados com muito esforço e luta de seus pais.

Inclusão é respeitar a diversidade e aceitar o próximo como membro ativo da sociedade. A deficiência, auditiva, visual, física, intelectual, entre outras, não deve ser motivo de exclusão. É preciso ter subsídio para que as pessoas sejam verdadeiramente inclusas e que realmente a inclusão seja praticada, não ficando apenas na teoria à sombra das leis. Essas devem ser cumpridas, de forma que se possa mostrar para as escolas e a sociedade em geral que aceitar e receber alunos com deficiência não é um ato de caridade e benevolência de gestores educacionais, mas sim, um direito adquirido por estas pessoas que lutam para garantir acesso e permanência a sistemas que englobam educação, saúde, trabalho, locomoção, transporte, esporte, arte, cultura e lazer. A escola como ambiente propício à socialização deve oferecer uma educação de qualidade e também um espaço acessível para que os alunos sintam-se parte atuante na transformação e construção do conhecimento, pois não adianta uma educação de qualidade se o espaço também não estiver adequando com acessibilidade para um processo de inclusão.

A inclusão social implica na conquista do espaço social mediante as interações que se estabelecem no interior dos grupos sócias através de uma participação real das pessoas como membros ativos e produtivos da sociedade, o que significa uma participação real na escola, no lazer e no trabalho. (BONETI 1997, p.168)

Assim, a inclusão social da pessoa com deficiência acontece quando, a mesma é incluída na sociedade participando e tendo uma vida social, política, econômica, assegurada por seus direitos e respeito dentro da comunidade que vive.

Algo importante quando falamos em inclusão da pessoa com deficiência é o acesso à leitura, pois, como sabemos ainda tem essa questão a ser pensada na hora de

escrever um livro ou contar uma história para essas pessoas, em que a deficiência de cada um exige um material de leitura diferenciado para que todos tenham contato com a leitura sem excluir ninguém, visto que através da leitura as pessoas transformam sua maneira de pensar tendo em vista que a leitura é uma forma de inclusão.

Partindo desses pensamentos, podemos pensar nas literaturas adaptadas para as pessoas com deficiência auditiva e visual, sendo a escola um lugar mais propício a se trabalhar com literatura, aqui destacamos principalmente a literatura infantil, esta deve adaptar-se para trabalhar com essas pessoas, como tradutores da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que é a língua utilizada por pessoas com deficiência auditiva e o Braille que é o sistema de leitura através do tato para pessoas com deficiência visual. A escola não deve adaptar-se somente na sua estrutura física, mas na preparação de profissionais capacitados para essa atuação.

Já podemos encontrar, na internet, *audiolivros* em LIBRAS para serem trabalhados em sala, lembrando que o professor deve adequar as atividades desenvolvidas para os dois grupos, o de alunos com deficiência, e que não possuem deficiência. Como podemos citar um exemplo de livros que, Karnopp (2006), nos trás que, o professor pode trabalhar com os alunos surdos o livro *Cinderela Surda*, com um vídeo onde a história seja contada através de expressões e gestos corporais, assim como ele pode trabalhar a releitura em Braille para as pessoas cegas ou com baixa visão, assim como também o livro tradicional para os alunos que não contemplem essas categorias. Assim, podemos incluir todos os alunos na aula sem que nenhum aluno seja prejudicado.

A inclusão é um processo que vem sendo desenvolvido gradativamente, pois, o ser humano vem com heranças antigas de preconceito, com relação ao que lhe são diferentes do padrão social, então aceitar e incluir uma pessoa com deficiência dentro da sociedade acaba se tornando uma tarefa muito difícil, por conta do preconceito que está impregnado nas pessoas, mesmo com as leis que protege e assegura os direitos da pessoa com deficiência, pois as leis não vão mudar a maneira e a mentalidade preconceituosa com que muitos tratam as pessoas com necessidades especiais da noite para o dia, é algo que vem evoluindo com o passar do tempo.

Durante o período colonial, usavam-se práticas isoladas de exclusão - apesar de o Brasil não possuir grandes instituições de internação para pessoas com deficiências. As pessoas com deficiência eram confinadas pela família e, em caso de desordem pública, recolhidas às Santas Casas ou às prisões. (LANNA JÚNIOR 2010 p.19 e 20)

Antigamente as pessoas com deficiências eram excluídas, uma exclusão quase que total da sociedade, vivia isoladas do convívio com as demais pessoas. Com o desenvolvimento do mundo e através das lutas e movimentos das famílias, parentes e amigos em defesa dos direitos da pessoa com deficiência, surge o movimento pestalozziano que se preocupa com a educação da pessoa com deficiência intelectual no Brasil.

No Brasil, inspirado pelo pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), foi criado, em 1926, o Instituto Pestalozzi de Canoas, no Rio Grande do Sul. A influência do ideário de Pestalozzi, no entanto, ganhou impulso definitivo com Helena Antipoff, educadora e psicóloga russa que, a convite do Governo do Estado de Minas Gerais, veio trabalhar na recém-criada Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. Sua atuação marcou consideravelmente o campo da assistência, da educação e da institucionalização das pessoas com deficiência intelectual no Brasil. (LANNA JÚNIOR 2010, p.24)

E nasce no Brasil no estado do Rio de Janeiro a primeira Associação de Pais e amigos dos Excepcionais – APAE, criada pelos pais, amigos das pessoas com necessidades especiais, que contaram com o apoio e a colaboração da sociedade, políticos, empresários, professores médicos entre outros que batalham e acreditam na busca pelos direitos da pessoa com deficiência, e assim a APAE se expandiu no Brasil sendo criadas outras APAEs em varias capitais e no interior brasileiro e estas entidades fazem palestras, congressos, encontros, cursos e através destes vão sensibilizando as pessoas e garantindo os direitos de cidadão da pessoa com deficiência dentro da sociedade. E também começa a surgir organizações criadas pelas próprias pessoas com deficiência, ou seja, o movimento associativista dos cegos, o movimento dos surdos: Língua Brasileira de Sinais, cultura e identidade surda, e a organização dos deficientes físicos, aos poucos as pessoas com deficiência começaram a serem aceitas e hoje elas já saem nas ruas, estudam, etc., tendo assim uma vida normal dentro das suas limitações, mais ainda temos muito a ser feito, para que realmente a pessoa com necessidades especiais sintam-se inclusos e aceitos dentro da sociedade.

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem

reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA P.11 e 12)

A educação inclusiva vem com algumas implicações, pois de certa forma sabemos que as escolas não estão preparadas para receber os alunos com necessidades especiais, sendo que a mesma deve ser tratada com mais respeito e aceitação por parte de algumas instituições de ensino, buscando melhorar o espaço físico e capacitar o corpo docente para que eles possam melhor atender os indivíduos com necessidades especiais, oferecendo aos mesmos uma educação eficaz, para que eles se percebam inclusos e não excluídos dentro do processo de ensino/aprendizagem e possam assim concluir as fases de seus estudos, pois, inclusão não significa apenas inserir a pessoa com necessidades especiais nas escolas, elas precisam antes disso capacitar os professores, transformar a escola em um espaço acessível com material adequado para que aja um bom desenvolvimento e rendimento no aprendizado do aluno.

2.1 A INCLUSÃO ATRAVÉS DO OLHAR DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Em uma entrevista que fizemos com o presidente da “Associação da pessoa com deficiência da cidade de Jacobina” que reside na cidade de Jacobina, o mesmo tem deficiência visual e está cursando o 3º ano no Colégio Centro Noturno de Educação da Bahia-CENEB, ele nos falou sobre o processo de inclusão social e escolar que segundo ele ainda tem muito a melhorar, pois, ainda não acontece a inclusão na prática como se encontra nas leis. Para ele a falta de acessibilidade é grande tanto na escola quanto na sua cidade em geral.

Utilizaremos nomes fictícios para indicar os entrevistados, para o entrevistado adotaremos o nome de Edmilson¹. Ele nos contou que não tem muito material adaptado para atender as necessidades dos alunos com deficiência no colégio, e

¹ Nome fictício, entrevista cedida a Raquel Santos e Jailma Pereira, Jacobina, 01 de Abril de 2016.

também durante a entrevista ele nos contou, com indignação que esteve no ginásio de esportes da cidade de Jacobina, recém-reformado e o mesmo sentiu falta de acessibilidade no local. A referida entrevista demonstra o quanto a inclusão ainda está muito distante de se efetuar. A voz de Edmilson é a ressonância de muitas vozes de pessoas com necessidades especiais e que permanecem a margem. As ruas, repartições públicas ou privadas, pouco tem contribuído para a acessibilidade de forma digna, das pessoas com deficiência.

2.2 CONTEXTO HISTÓRICO DA INCLUSÃO SOCIAL NO BRASIL

Ao analisarmos a inclusão social nos dias atuais, notamos que o preconceito na inclusão de deficientes na sociedade vem do passado, onde as pessoas que tinham alguma deficiência a família escondia ou até mesmo eram mandados para asilos, para “proteger” a sociedade das anormalidades dessas pessoas. Não era bem visto pela sociedade uma pessoa com deficiência, a família se sentia rejeitada, então, para eles o melhor era esconder para evitar qualquer tipo de preconceito e discriminação com a família.

A história da Educação Especial no Brasil foi determinada, pelo menos até o final do século XIX, pelos costumes e informações vindas da Europa. O abandono de crianças com deficiências nas ruas, portas de conventos, e igrejas era comum no século XVII, que acabavam morrendo de frio, fome ou sede. (RODRIGUES M. 2008, p.15)

A exclusão fez com que o preconceito se perpetue até os dias atuais, um preconceito fundado em um pensamento de que as pessoas com alguma deficiência seja, motora, visual, física, mental ou intelectual, são incapazes de aprender, ou até mesmo compreender as vivências do seu meio, têm medo que a deficiência seja contagiosa.

A influência da Medicina na educação destas pessoas perdurou até por volta de 1930. Atrelada aos pressupostos higienistas da época, o serviço de saúde do governo orientava o povo para comportamentos de higiene e saúde nas residências e nas escolas. Dentro desse princípio, a deficiência mental foi considerada problema de saúde pública e foi construído um pavilhão Bourneville, em 1903, no Rio de Janeiro, como a primeira Escola Especial para Crianças Anormais. (RODRIGUES M. 2008, p. 16).

A educação dada a essas pessoas era baseada na medicina, com o passar do tempo e o avanços nos estudos das deficiências, essas pessoas começaram a serem tratadas e analisadas pela psicologia e pela Pedagogia e foi a partir de então que o abandono e morte dessas pessoas foram diminuindo e começaram a ser tratadas em casa ou nas instituições criadas para elas.

Helena Antipoff psicóloga e educadora, se reuniu com outros professores e doutores e fundaram a Sociedade Pestalozzi que tem como objetivo principal “[...] a ampliação da assistência e inclusão social das pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e suas famílias” (FENAPESTALOZZE, 2014).

Com as melhorias nas escolas públicas essas pessoas também começaram a ter melhorias em seus tratamentos, sabemos que mesmo em meio ao preconceito e discriminação, a sociedade tem avançado em relação à forma de tratar as pessoas que tem alguma deficiência, são diversos grupos, seja político, social, as famílias, lutam para que essas pessoas sejam inseridas socialmente e que tenham seus direitos cumpridos e respeitados.

Como o sistema público não dava conta da demanda, observou-se, a partir de 1960, o crescimento das instituições de natureza filantrópica, sem fins lucrativos, as APAEs (Associação de Pais e Amigos dos excepcionais) que ofereceram atendimento aos casos mais graves de deficiência mental. (RODRIGUES M. 2008, p. 17)

Segundo a Federação Nacional das APAEs:

A Apae - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais nasceu em 1954, no Rio de Janeiro. Caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência, prioritariamente aquela com deficiência intelectual e múltipla. A Rede Apae destaca-se por seu pioneirismo e capilaridade, estando presente, atualmente, em mais de 2 mil municípios em todo o território nacional. (FENAPAES)

APAE é uma das maiores instituições e a mais conhecida no Brasil que luta por direitos para os deficientes, atendendo pessoas de todas as idades e com deficiência intelectual e múltipla. Além do atendimento pedagógico algumas delas têm laboratório para realização de exames, teste do pezinho, atendimento de fonoaudiólogo e fisioterapeuta e até mesmo cursos em varias áreas, como corte e costura, pintura, confecção de artesanatos, entre outros, para mães e responsáveis dos frequentadores da APAE.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Qualibest em 2006, a pedido da Federação Nacional das Apaes, mostrou que a Apae é conhecida por 87% dos entrevistados e tida como confiável por 93% deles. São resultados expressivos e que refletem o trabalho e as conquistas do Movimento Apaeano na luta pelos direitos das pessoas com deficiência. Nesse esforço destacam-se a incorporação do Teste do Pezinho na rede pública de saúde; a prática de esportes e a inserção das linguagens artísticas como instrumentos pedagógicos na formação das pessoas com deficiência, assim como a estimulação precoce como fundamental para o seu desenvolvimento. (FENAPAES)

Para assegurar as pessoas com deficiência o direito que todo ser humano tem e que por muito tempo eles foram proibidos de ter acesso, foram criadas algumas leis as principais são: Lei dos direitos da pessoa com deficiência (Nº 7853/1989) e as leis do passe livre (Portaria Nº 298/MS), a da acessibilidade (Portaria Nº 10.098/00) e a lei da prioridade de atendimento (Lei Nº 10.048/00).

A Lei Federal Nº 7853/1989, define alguns crimes como: recusar, suspender ou cobrar valores adicionais no atendimento à educação das pessoas com qualquer tipo de deficiência, uma empresa negar emprego ou desclassificar de concursos públicos por que é deficiente. Essa LEI ainda “Prevê a oferta obrigatória gratuita da educação especial em estabelecimentos públicos de ensino”.

No artigo 2º da Lei estabelece que:

Artigo 2. - Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico. (BRASIL, 1989)

As outras leis que asseguram a pessoa com deficiência seus direitos são: a lei do passe livre que garante isenção total nas passagens em transportes, onde terão assentos reservados para eles. A lei da acessibilidade é a lei que decreta espaços adequados e adaptados para todas as deficiências seja ela para pessoas com deficiência visual, cadeirantes, deficientes auditivos entre outros. Exemplos de acessibilidade nos ambientes pode ser pista tátil nas ruas e espaços públicos e privados, suspensão de barreiras impedindo a passagem das pessoas, rampas para cadeirantes, interprete em libras para deficientes auditivos, entre outras coisas que dê o direito de ir e vir às pessoas com deficiência. A Lei da Prioridade de Atendimento afirma que as pessoas com deficiência, idosos, gestantes e lactantes, tem o direito ao atendimento prioritário em repartições públicas ou privadas, elas

devem ser atendidas de imediato quando houver filas, para que não fiquem esperando.

Podemos perceber que existem leis assegurando às pessoas com deficiência muitos direitos, por isso a sociedade deve se adaptar e cumprir as leis para que essas pessoas, assim como todas as outras sintam se inseridos no meio que vivem e para que assim possamos criar uma nova história em relação à inclusão social, por que como podemos perceber sofreram muito em outras épocas onde hoje devemos nos envergonhar da maneira como pessoas ditas “normais” tratavam e não aceitavam as diferenças entre a sociedade.

2.3 A INCLUSÃO SOCIAL E O TRABALHO DA LITERATURA NA SALA DE AULA DA APAE DE JACOBINA

O processo de inclusão social e escolar em Jacobina vem se desenvolvendo, mas assim como em todo o Brasil ainda tem muito a se melhorar, começando pela acessibilidade nas ruas em alguns lugares públicos e privados principalmente em algumas escolas regulares, em calçadas irregulares dificultando assim a locomoção das pessoas que são cadeirantes e deficientes visuais por exemplo.

Na cidade de Jacobina existem duas associações que lutam pelo direito da pessoa com deficiência a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE, e a Associação da Pessoa com deficiência-APCD. APAE já existe na cidade há aproximadamente 28 anos é uma associação em que são os pais a família, amigos e algumas empresas, e também com o apoio da Prefeitura Municipal, que contribuem para que a entidade continue trabalhando e lutando em defesa dos direitos da pessoa com deficiência e a APCD foi criada há pouco tempo em que os próprios deficientes batalham por seus direitos e para que realmente a inclusão dos mesmos aconteça dentro da sociedade. Na cidade também contamos com salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado), onde os alunos são atendidos individualmente. Notamos que algumas escolas já estão trabalhando com os alunos com necessidades especiais.

Na APAE de Jacobina-BA, existe um projeto de literatura que trabalha com a construção da identidade dos alunos com deficiência. Além, de trabalhar com a alfabetização, pode-se trabalhar também às suas vivências, fazendo com que eles compreendam da melhor forma a sociedade da qual fazem parte. Neste sentido, buscamos trabalhar não só com a fantasia e com imaginário, abordamos temas como medos, tristezas, perdas de pessoas queridas. Lidar com a morte não é fácil, os alunos expressam dificuldades após a perda, muitos deles não são criados pelos pais, por que alguns já morreram e outros os pais não tiveram condições de cuidar e eles compreendem o quanto importante é a presença da família para sua formação.

A partir desse raciocínio, trabalhamos com leituras de diferentes formações de família, apresentando histórias que não tem a presença da mãe e sim de uma madrasta, histórias sobre crianças adotadas, como por exemplo, na história “As cores de Mateus” de Marisa Lopez e ilustração de Katarzyna Rogowicz, que aborda o preconceito em relação à cor e ao fato de Matheus ser uma criança adotada por uma mãe branca. Com essa história foi possível trabalhar a aceitação ao próximo, preconceito e discriminação, onde uma fala de um aluno nos surpreendeu, procurávamos em todo tempo falar de forma clara com palavras simples para melhor entendimento deles, e um aluno levantou a mão e falou “preconceito é bullying né pró?”, com isso podemos perceber que eles estavam fazendo uma relação do mundo que eles estavam vivendo, de uma realidade deles, com a realidade de Mateus, uma história infantil com fantasia, mas sem deixar de lado a realidade.

Com essa experiência em uma sala de aula com educação especial, buscamos entender como se dá o processo de leitura na sala de aula regular que atende pessoas com deficiência, na entrevista realizada com uma pessoa deficiente visual que estuda em uma escola estadual no município de Jacobina – BA, o que ele nos relatou foi que tem uma acompanhante que para as aulas de leitura, onde ela ler para ele e nas atividades de escrita ele responde e ela transcreve. Ele nos relata ainda que foi necessário ir até o Ministério Público para solicitar a contratação dessa pessoa, pois no começo do ano letivo ele só tinha o suporte de seus colegas de sala, onde mesmo assim não eram todos que o ajudavam e alguns professores “esqueciam” dele.

É notório que nossas escolas públicas devem está melhor preparadas para atender essas pessoas ou então serão apenas deposito de alunos que entram e saem da escola sem nada de novo para sua vida.

3 LITERATURA INFANTO-JUVENIL E INCLUSÃO: UMA PARCERIA CHEIA DE POSSIBILIDADES

A literatura infanto-juvenil nos dá várias possibilidades de trabalhar em sala de aula, por isso no ano de 2013 ao ministrarmos o minicurso “Contos de Fadas e a Construção da Identidade: Entendendo seus semelhantes e relacionando-se com eles”, na Instituição Filantrópica Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais- APAE de Jacobina-BA. O qual foi realizado no período de 19 de Setembro à 18 de Outubro de 2013. Despertou em nós o desejo de estudarmos mais sobre como podemos trabalhar a literatura infanto-juvenil como mecanismo de inclusão social das pessoas com deficiência e descobrimos que há várias possibilidades e que juntas – a literatura e a inclusão – são grandes parceiras. Sobre como trabalhar a literatura infanto-juvenil Joana Cavalcante (2002)

Não podemos reduzi-la a conceitos por demais limitados. Por meio da literatura somos capazes de nos reconduzir para realidades esquecidas talvez nunca reveladas na memória. Ela é um caminho de liberdade e justiça social, no qual toda criança possa viver com dignidade e plenitude sua condição existencial de ser possibilidade de futuro e transformação. (CAVALCANTE, 2002, p. 23)

Essa experiência foi bastante significativa, pois nos proporcionou uma direção, para que em sala de aula possamos pedagogicamente e didaticamente transmitir aos alunos os conhecimentos pertinentes, e sabendo que as dificuldades existem, mas não são motivos para desistir, pois através delas podemos buscar melhorar sempre as nossas metodologias e inovar na sala de aula.

Nesse minicurso trabalhamos com os alunos muitos assuntos relacionados com suas vivências, como por exemplo: a perda de um ente querido (como lidar com o luto), conquistas, sentimentos como tristeza e alegria, raiva e amor, tudo com base nas histórias que escolhemos para trabalhar.

As obras trabalhadas nos possibilitaram trabalhar a aceitação de si mesmo, como também aceitar o outro, onde usamos a fantasia e a realidade para que assim eles conseguissem fazer uma ligação da história e sua vida.

Através da literatura podemos propor aos alunos momentos mágicos e cheios de fantasias em que eles vão viajar nas histórias, fazendo com que os mesmos vivenciem outra realidade, pois a deficiência não impede o acesso da pessoa com deficiência às histórias da literatura. A literatura infanto-juvenil tem uma grande

importância no desenvolvimento intelectual da pessoa com deficiência, pois, com o trabalho de literatura eles conseguem desenvolver sua linguagem tanto oral quanto a escrita e também é um grande estimulante para o processo de inclusão social.

A Literatura, de um modo peculiar atende a uma necessidade das crianças especiais ao contribuir com a formação de sua identidade e que, os contos de fadas [...] orientam a criança no sentido de descobrir sua identidade e vocação e sugerem também quais as necessárias experiências para melhor desenvolver o seu carácter [...] que uma vida boa e compensadora está ao alcance de todos apesar da diversidade. (BETTLHEIM, 2006, p.34)

Uma das histórias contadas e trabalhada com os alunos da APAE foi a de “*DRAGUINHO. Diferente De Todos, Parecido Com Ninguém*” do autor Claudio Galperin, foram utilizados alguns recursos para se fazer a contação da história, com avental, caixa de fósforo, a imagem de alguns personagens da história, um vidrinho com água o qual serviu para respingar água nos alunos, na parte da história quando se é revelado que ao invés de fogo Draguinho soltava água pelas ventas, “*Das ventas de Draguinho não foi fogo o que se viu mas sim um fortíssimo jato de... ÁGUA!*”, tornando a história mais divertidas e atrativa para os alunos, facilitando assim o entendimento da história.

Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer. (MIGUEZ, 2000, p. 28)

Antes de levar qualquer história para sala de aula procuramos antes ler a mesma, para termos domínio e segurança na hora de contar para os alunos, e também buscamos organizar o ambiente de maneira que todos sintam se bem e a vontade, confortáveis para enxergar todos os movimentos e objetos que vamos utilizar durante a contação.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES E. 2005).

Deixamos os alunos bem concentrados para que eles realmente se envolvam e deixem aflorar seus sentimentos ao ouvir a história, pois as deficiências dos mesmos não impedem que eles interajam depois de ouvir, muitos precisam ser estimulados a

falar, pois, sabemos que devido à deficiência, eles têm suas limitações com isso alguns acabam demorando mais para assimilar e entender algumas coisas.

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

Os alunos gostaram muito da história de “Draguinho” se empolgaram bastante principalmente quando era retirado algum objeto de dentro do avental, com isso notamos que na hora de contar uma história a presença de alguns acessórios pode fazer a diferença, ou seja, contribui para a melhor empolgação e desperta mais o interesse dos alunos pelas histórias, a expressão do rosto deles mudavam quando os mesmos viam os objetos, ficavam com cara de medo, de assustados, de alegria, quando o fósforo foi riscado para representar o fogo nesse momento fizeram uma cara de medo, de susto, já quando a professora respingou a água já foi um momento de alegria, risos, sendo assim os objetos utilizados contribui para melhor desenvolver o imaginário da pessoa com deficiência.

A história de Draguinho um Dragão que ao invés de fogo soltava era água pelas ventas, é uma história fascinante em que os alunos ficaram encantados, e puderam também aprender algumas questões referentes à amizade, ao respeito às diferenças, pois na história além de Draguinho que era diferente dos outros dragões tinha também outros animais com características diferentes dos demais da sua espécie, como a vaca que punha ovos em vez de dar leite, um elefante sem tromba, o leão que miava entre outros, com isso discutimos com eles que ser diferente não é motivo para ser excluídos, pois cada um tem sua importância, trazendo com eles o exemplo de Draguinho que por ser diferente dos demais dragões foi até em bora da aldeia que ele morava, e quando voltou à aldeia estava pegando fogo e ele por soltar água pelas ventas pode salvar a aldeia apagando o fogo e assim foi aceito sem chacota por ser diferente.

Após a contação e as reflexões a cerca da história, fizemos uma atividade na qual levamos algumas imagens dos personagens da história, para que os alunos escolhessem um dos personagens que eles mais se identificassem e falassem depois para os colegas em que ele era parecido com aquele personagem, pois quando trabalhamos com a literatura procuramos contribuir para o desenvolvimento

cognitivo, intelectual, com os sentimentos dos alunos com deficiência para assim de certa forma ajuda-los no processo de inclusão dos mesmos dentro da sociedade em que eles vivem, mostrando aos mesmo que a deficiência deles o que os torna diferentes, não impede o convívio deles com as outras pessoas.

Através dos trabalhos de literatura desenvolvidos na APAE de Jacobina, percebemos o quanto a literatura contribui no processo de inclusão social da pessoa com deficiência, pois, os mesmos conseguem interagir, envolver-se nas histórias, desenvolvendo o seu lado emocional, intelectual e cognitivo. Por meio da literatura infanto-juvenil, podemos desenvolver muitos assuntos que ajudem no procedimento de inclusão da pessoa com necessidades especiais, como questões voltadas para a convivência e o respeito entre as pessoas, a oralidade, a escrita, tornando essas pessoas ativas dentro da sociedade, pois, a literatura bem mediada pelo professor consegue desenvolver a criatividade dos mesmos. A literatura ajuda a pessoa com deficiência expressar com mais facilidade suas ideias influenciando de maneira positiva e contribuindo para que eles tenham uma visão critica dentro da sociedade.

Sabemos que a deficiência seja ela qual for, ou condições que ela apresente, físicas, sensoriais, cognitivas ou emocionais não impede que a pessoa com deficiência interaja, brinquem, aprenda e sejam felizes elas só precisam ser estimuladas desde criança, pois devido a sua deficiência o desenvolvimento das mesmas acontece de forma mais lenta e muitas vezes diferente de outra pessoa. Os pais dessas crianças precisam aceitar seus filhos com a deficiência e suas limitações e acreditar que seus filhos são capazes de aprender e assim passar a trata-los como qualquer outra criança dando limites, educando-os, preparando os mesmos para a vida, levando até seu filho o primeiro contato com a leitura contando historia para eles, e que assim essa responsabilidade não fique só para o professor na sala de aula, pois mesmo sem o domínio da leitura a criança consegue aprender e interagir, porque na hora da história ele irá aprender que precisa fazer silêncio e ficar sentado para ouvir, e depois com a ajuda e mediação de um adulto expressar suas ideias ou até mesmo repetir o que ouviu o que de certa forma ajuda e contribui no desenvolvimento oral da criança.

Outro texto que trabalhamos foi Maria-vai-com-as-outras, uma fabula escrita e ilustrada por Sylvia Orthof, abordamos primeiramente um pouco sobre a vida e obra

da autora e em seguida contamos a fábula aos mesmos usando alguns objetos, como algodão para representar a lã da ovelha, cubo de gelo para representar o frio à imagem do jiló, pois sabemos que é um legume não muito conhecido e a imagem do Corcovado e do Rio de Janeiro para mostrar para os alunos que o corcovado fica no Rio, também usamos as ilustrações do livro, pois sabemos da importância e o quanto a imagem contribui para que a pessoa com deficiência tenha uma melhor compreensão e entendimento da história.

A leitura de um texto ilustrado exercita a nossa capacidade de experiências interdisciplinares, ampliando as possibilidades de compreensão, interpretação que são pressupostos da linguagem, nas suas particularidades e relações. O ato de ler, a ação de ligar sentido, incita o leitor a adentrar pela trama do texto, descobrindo as estratégias, as relações externas e internas. (BASSO, ROCHA, ESQUEDA 2008, p.10)

A fábula conta a história de uma ovelha chamada Maria que sempre fazia o que as outras faziam até um dia que ela aprende que pode seguir seu próprio caminho sem ter que ir pelo mesmo caminho das outras. Ao contar a fábula para os educandos abrimos um momento para discussão, em que nós enquanto professoras, mediamos a mesma provocando os alunos a exporem suas inquietações a cerca do que tinha escutado, procurando leva-los a fazer relações com a vida deles, mais sem esquecer a ludicidade e de deixar eles a vontade para falar o que eles imaginaram e acharam da fábula por conta própria. Como atividade pedimos aos alunos que recriassem a fábula usando o imaginário deles, muitas das criações percebemos que eles estavam falando da vida deles da relação com a família, com os colegas na escola. Apesar de muitos não dominarem a escrita e a leitura verbal eles desenhavam e depois a gente perguntava sobre o que eles tinham desenhado e eles expressavam verbalmente o significado do desenho que alguns às vezes não têm muito em comum com o que eles falam.

Por meio do nosso contato e trabalho com a literatura, realizada na instituição, percebemos o quanto a pessoa com deficiência aprende e ao mesmo tempo se diverte com as histórias que nós apresentamos e contamos aos mesmos, e também que a partir das histórias eles constroem valores bem como a respeitar o próximo e a entender que cada um é diferente e que temos que aprender a conviver com a diferença do outro sem privar e excluir ninguém e sim mostrando que dentro das suas limitações todos podem e tem capacidade para aprender e desenvolve-se dentro do processo de ensino e aprendizagem e também no processo de inclusão

social e escolar, em que utilizamos alguns recursos didáticos para a apresentação das histórias, bem como leitura e escrita de textos, desenhos, ilustrações, dramatização com fantoches, músicas, dentre outros. Reconhecemos a literatura infanto-juvenil como uma grande aliada no processo de inclusão, pois, através dos contos, além de despertar o gosto pela leitura também ajuda a desenvolver muitas potencialidades estimulando a curiosidade entre a vida real e a ficção propiciando uma nova visão da realidade e atuando como forma de lazer.

Foi possível notar resultados positivos com as atividades de leitura. Como exemplo, apresentamos a tabela abaixo.

Tabela 1- Livros de literatura trabalhados na sala de aula na APAE de Jacobina e os resultados desse trabalho de acordo com as diferentes deficiências atendidas na instituição

Alunos	Tipo de deficiência	Texto trabalhado	Resultado
Aluno A	Surdo	Flicts. Ziraldo	Esse livro foi trabalhado em uma das turmas da APAE – Jacobina, onde um aluno é surdo, além do livro foi usado imagens na televisão e isso chamou muito sua atenção, pois envolveu muitas cores, ao fazer o registro da história o aluno mostrou se interessado nas cores que apareceram nas imagens do livro e das apresentadas na televisão.
Aluno B	Deficiência Intelectual	Draguinho, de todos, parecido com ninguém. Autor Claudio Galperin.	Os alunos se mostraram muito empolgados com a história, demonstrando suas emoções, medos, alegrias e também comentando sobre as diferenças, entre eles e no meio em que eles vivem como em suas casas e entre os amigos do bairro onde moram.
Aluno C	Deficiência Motora	Espelho. Suzy Lee.	Ao trabalharmos esse livro muitos alunos falaram de como eles observavam suas imagens ao se olharem no espelho, como

por exemplo, uma aluna disse que era “gata”, outros falaram que gostavam de tudo que viam, o cabelo, os olhos, a roupa, etc.
--

A partir da análise da tabela acima é possível dizer que o trabalho com literatura infanto-juvenil no contexto da educação de pessoas com deficiência, contribui para com o seu desenvolvimento cognitivo, intelectual, a partir do momento que eles interagem expondo suas emoções e sentimentos através da historia que ouviram e também colabora para com o processo de inclusão sendo que os alunos com deficiência por meio das historias adquirem conhecimentos e informações relacionados aos seus direitos, a estrutura de sua família, cuidados com o corpo, sua aparência além da elevação da autoestima.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS E INQUIETATIVAS

Em suma, a literatura infanto-juvenil é uma grande aliada para o processo de inclusão social da pessoa com deficiência, pois a mesma através das histórias e dos contos de fadas de certa forma consegue mexer com o lado emocional, intelectual e cognitivo da pessoa com deficiência, fazendo com que ela aprenda, interaja, brinque, viaje para outro mundo, fantasiando a realidade, pois a literatura aguça o imaginário das pessoas estimulando-as para que criem um gosto pela leitura principalmente quando ainda são criança, e o quanto a mediação do professor ou de um adulto contribui nos primeiros contatos com os livros e com a leitura para que a criança cresça e aprenda como se fazer uma leitura produtiva sendo ele um leitor ativo. Com isso percebe-se que o papel do professor como mediador no processo de ensino e aprendizagem, através da literatura infanto-juvenil é de grande importância, pois dependendo da maneira como ele venha apresentar as histórias, os contos de fadas aos alunos eles podem não criar o gosto pela literatura, com isso os professores precisam ficar atentos e procurarem mostrar de maneira criativa, lúdica, aguçando nos alunos o imaginário colaborando assim com o seu desenvolvimento intelectual cognitivo e emocional através da literatura.

Levando em conta nossos estudos, observações a cerca da inclusão social, percebemos que a mesma é um processo que tem o papel de inserir as pessoas na sociedade bem como nas escolas, no mercado de trabalho, onde elas possam ter seus direitos assegurados, direito a educação, trabalho, lazer, saúde entre outros, com dignidade e respeito. Mais notamos que o processo de inclusão social, ainda tem muito a ser desenvolvido e melhorado para que realmente as pessoas com deficiência sintam se inclusas dentro da sociedade, percebemos isso nas nossas leituras e pesquisas sobre o assunto e principalmente na fala de uma pessoa deficiente a qual entrevistamos, onde ele deixa claro que o processo de inclusão está se desenvolvendo mais que ainda tem muito que melhorar. Mas entendemos que a inclusão não acontece da noite para o dia ela vem se desenvolvendo através das lutas das pessoas que acreditam na capacidade da pessoa com deficiência como cidadão que têm direitos e deveres como qualquer outra pessoa.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro, LTC, 2014.

AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje**; Publicada na Revista Releitura. Nº 15. Belo Horizonte. Biblioteca Infantil de Belo Horizonte. Abril de 2001, s/ ISBN

_____, Ricardo. **Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil**. In OLIVEIRA, Ieda de (Org) O que é qualidade em literatura infantil e juvenil- Com a palavra o escritor, São Paulo, DCL, 2005.

BASSO, Ilda, ROCHA, José Carlos Rodrigues, ESQUEDA, Marileide Dias, organizadores; Bauru, SP UESC 2008. **II simpósio Internacional de Educação Linguagens Educativas**: Perspectivas Interdisciplinares na Atualidade Bauru Disponível em: <http://www.usc.br/biblioteca/pdf/sie_2008_comu_arti_ilustracao_integracao_de_linguagens.pdf> acesso em: 04 maio. 2016

BELMIRO, Celia Abicalil; **Entre modos de ver e modos de ler, o dizer**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n4/05.pdf> - Acesso em: 16 abr. 2016

BETTELHEIM, Bruno, **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BONETI, Rita Vieira Figueiredo. **O papel da escola na inclusão social do deficiente mental**. IN MANTOAN, Tereza. **A integração de pessoas com deficiência**: Uma contribuição para uma reflexão sobre o tema- são Paulo, editora Memnon 1997.

BORTOLANZA, Ana Maria Esteves; SANTOS, Ana Maria Martins da Costa. **Constituição e trajetórias da literatura brasileira para crianças**: Entre esteticidade e utilitarismo. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S4/anamariaesteves.pdf>> - Acesso em: 31 mar. 2016.

BRASIL, Lei nº 7853, de 24 de Outubro de 1989. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm> Acesso em 31/03/2016.

BRASIL, Lei nº 10048 de 08 de Novembro de 2000. Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10048.htm> Acesso em: 19 maio 2016.

BRASIL, Lei nº 10098, de 19 de Dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm> Acesso em: 19 maio 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde, Portaria nº 298/MS de 09 de Agosto de 2001. Instruir na forma do Anexo desta Portaria, o Atestado de Equipe Multiprofissional do Sistema Único de Saúde - SUS, a ser utilizado para a identificação das pessoas portadoras de deficiência. Disponível em: <<http://www.ppd.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=118>> Acesso em 19 de maio de 2016.

CADEMARTORI, Ligia; **O que é literatura infantil**; 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2010 (coleção primeiros passos).

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. 2º São Paulo: Paulus, 2002.

COSTA, M. M. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: IBPEX, 2002

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, **Declaração de conferência mundial sobre Necessidades educativas especiais**: Acesso e qualidade Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 08/04/2016.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES, FENAPAES, **Um pouco da história do Movimento das APAEs**, Disponível em <<https://www.apaebrasil.org.br/#!/artigo/2>> Acesso em 01 abr. 2016

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES PESTALOZZI, Disponivem em: <<http://www.fenapestalozzi.org.br/institucional>> Acesso em 01 abr. 2016.

GALPERIN, Claudio, **Draguinho: diferente de todos parecido com ninguém**/ ilustrações de Jairo Rodrigues e Luciano Lagares. São Paulo: Ática, 2005. 48p. il. (Sonho e fantasia).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4ª ed. Editora Atlas S. A. São Paulo; 2002.

JESUALDO, **A literatura infantil**. 3ª ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1985.

KARNOPP, Lodenir Becker, **Literatura, letramento e práticas educacionais**: grupo de estudos e subjetividade, ETD Educação temática Digital, Campinas; v.7, n.2. p. 98 – 109, Jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

KHÉDE, Sonia Salomão; **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo, Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e história. São Paulo: Ática, 1984.

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins (Comp.). **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com

Deficiência, 2010. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br>> – Acesso em: 08 abr. 2016.

MIGUEZ, Fátima. Nas arte-manhas do imaginário infantil. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: Teoria método e criatividade, 21ª Ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

ORTHOF, Sylvia, **Maria-vai-com-as-outras/** desenhos e história Sylvia Orthof; 14ª Ed. Editora Ática, são Paulo, 1996.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil.** São Paulo, Icone, 1986.

RODRIGUES. Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005. Disponível em: <<http://www.escavador.com/sobre/1907843/edvania-braz-teixeira-rodrigues>>

RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. **Educação especial:** história, etiologia, conceitos e legislação vigente. In: **Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental/** Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (org.). Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

SILVA, Ariana Lourenço da, **Literatura infantil:** qual a sua contribuição para o desenvolvimento da leitura nas séries iniciais?. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5007/3679>> Acesso em 07abr. 2016

SIMÕES, Ana Paula Lima. **O Papel mediador das mídias digitais na relação da criança com a leitura e a escrita** ' 01/12/2011 125 F. Mestrado Acadêmico Em Educação Instituição De Ensino: Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro Biblioteca Depositária: UERJ/REDE SIRIS/BIBLIOTECA CEH-A

SORIA, Marisa Lopez, **As cores de Mateus/** ilustração Katarzyna Rogiewicz, 2ª ed. Everest Editora.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil:** autoritarismo e emancipação. 2 ed. São Paulo, Ática, 1984.

APÊNDICE

APÊNDICE A: Entrevista com uma pessoa deficiente visual da cidade de Jacobina – BA

Local da entrevista: Rua Ângelo Brandão, Bairro Mundo Novo, Cidade Jacobina, Estado da Bahia.

Data: 01 de Abril de 2016 Início: 15h:20min Término: 17h:00min

I. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

1. Nome: A.S.O
2. Idade: 31 anos
3. Profissão: Estudante
4. Nível de escolaridade: Cursando o ensino médio
5. Associação que faz parte: APCD – Associação da Pessoa com Deficiência de Jacobina.
6. Cargo que ocupa na associação: Presidente

II. ENTREVISTA

Entrevistador 1: Já que incluir significa inserir as pessoas em grupos seja ela ligada a educação vida social, economia e política, com relação a política já que agora você é filiado a um partido como você ver a importância de um representante de um deficiente no meio político.

Entrevistado: Ah é muito importante porque é projetos nossos relacionados aos nossos direitos, direitos da pessoa com deficiência é digo isso aqui em Jacobina, só é bem avaliado ou aprovado quando a gente vai para câmara, quando a gente fala na tribuna na importância desse projeto a importância dele pra as pessoas com deficiência é que ele é pensado mais pelos edis que é assim aprovado às vezes com

mais é responsabilidade, com mais cuidado melhor dizendo então, assim é já que a gente sabe de tudo isso daí que a gente tá vendo que é eles não lembra da gente eu vejo é a importância de ter alguém nosso lá na câmara de ter alguém nosso nas câmaras de vereadores de deputados né ou até quem sabe um dia um governador um prefeito presidente né então assim é eu vejo como muito importante a gente é que tem que dizer onde é que dói, onde é que está doendo na gente somos nós que sabe somos nós que sentimos na pele todos os dias as dificuldades então acho que já chegou a hora né já passou da hora melhor dizendo da gente está lá envolvido e eu defendo isso que pessoas com deficiência assuma essa responsabilidade pra se vamos sim participar da política né eu estou filiado a um partido político e penso que enquanto a gente não é se dedicar pra chegar na câmara de vereadores pra chegar participar inteiramente da política né verdadeiramente eu acho que é se a gente não participar as coisas não vão mudar né que tendo uma representatividade lá na câmara das pessoas com deficiência naturalmente que todos os projetos que for benefício da pessoa com deficiência ele vai ser pensado ele vai ser observado com mais cuidado com mais zelo né é eu acho que a gente tem que participar sim desse dessa política né de forma que assim é muito direto mesmo de forma direta né e não indireta e não só como eleitor né mais também como parte desse segmento.

Entrevistador 1: como você vê o papel da família da pessoa com deficiência? Qual o papel da família?

Entrevistado: é a família ela tem um papel muito importante a ser desempenhado né nesse contexto porque eu digo costumo dizer que é pra uma pessoa com deficiência ter sucesso é necessário que a família apoie é necessário que a família acredite é necessário que a família dê um empurrão né pra que ele possa sim voar mesmo voar e alcançar seus objetivos né uma pessoa com deficiência não gosta de limites né de ouvir que você não pode que você não consegue né mesmo que a gente saiba das dificuldades mais uma pessoa com deficiência gosta da família que dá apoio que acredite e que e de der esse empurrão com eu costumo dizer né é para que ele possa assim através do empurrão bater essa e né e voar então é necessário que a família faça isso e se a família não faz essa pessoa com deficiência não vai sair de casa isso é um prejuízo muito grande porque é ele vai ficar o tempo todo se achando um inútil né quando na verdade isso não procede né a pessoa com deficiência ele tem sim né como produzi rele tem como é sim trabalhar ele pode sim né contribuir para o crescimento para com o crescimento do Brasil para

com o crescimento da sua cidade ele pose participar sim mais pra isso é muito importante que a família apoie tem sim a pessoa com deficiência tem a capacidade né cada um com a sua forma cada um com seu jeito de aprender mais ele aprende ele faz só precisa de um tempo né

Entrevistador 2: Dentro da limitação da deficiência de cada um né) exatamente dentro da limitação de cada um dentro do tempo né cada um com o seu tempo especifico pra poder fazer determinada coisa né isso tem que ser respeitado também mais o que a gente não pode é alimentar é dizer que ele não pode que ele não consegue né e sim ele pode ele consegue ele faz né logico e evidente lembrando do tempo né cada um tem o seu tempo.

Entrevistador 1: A lei dos direitos da pessoa com deficiência Nº 7853/1989, que garante e assegura que as pessoas com qualquer tipo de deficiência tenham seus direitos cumpridos e se ela não for cumprida como, por exemplo, negar que ele possa frequentar regularmente a escola, negar o atendimento em hospitais, vagas em concursos públicos. Você acha que quando essa lei é descumprida, as pessoas prejudicadas, ou seja, os deficientes vão à justiça para conseguir a punição, ou muitos ainda desconhecem como crime?

Entrevistado: Muitos desconhecem Raquel esse direito né, esses direitos né essas leis infelizmente, nós da associação é sempre quando a gente vai às rádios né a gente gosta sempre de frisar as leis, de falar sobre as leis por que é o Brasil né pra outros países ele é modelo no que tange a legislação, ou seja, é os outros países copia as leis que existe no Brasil, as leis que diz respeito os direitos da pessoa com deficiência, entretanto as pessoas com deficiência desconhecem essas leis, se eles desconhecem, eles desconhecem esses direitos também e por isso assim é passa é despercebido, eles não reivindicam eles não conseguem por conta disso né eu acho que falta mais uma divulgação desses direito dessas pessoas, mas é isso mesmo eu, as pessoas com deficiência eles não buscam porque eles não conhece né, e se não conhece eles não tem como uso fluir desses direitos, ele vai ficar naquele simplesmente um não de alguém né, vai ser a verdade absoluta pra ele né INFELISMENTE.

Entrevistador 2: Como você qualifica a educação inclusiva nos dias atuais.

Entrevistado: Olha ela é pra me hoje a educação inclusiva ainda falta muito para que ela seja de fato o que diz o nome né inclusivo é vez que a gente tem que reivindicar o que é de direito nosso é através de leis, buscar através do ministério

publico melhor dizendo quando deveria ser diferente é começou as aulas já ter todo um é um material necessário para cada tipo de deficiência e bem como profissional pra acompanhar né e isso ainda não acontece então digo que a educação inclusiva ela ainda falta muito pra ser de fato o que o nome diz né inclusiva.

Entrevistador 2: Quais as diferenças de quando você começou estudar para agora? Você acha que tem mais acessibilidade ou não?

Entrevistado: é eu percebo que vem assim é um esforço de governo de professores né ela melhorou um pouco né é, por exemplo, a visão dos professores é né eles já estão aceitando mais né os poderes públicos eles vem assim é né alguns não na sua totalidade mais alguns vem vendo essa digamos assim essa necessidade nossa em entretanto ainda falta muito ainda falta muito pra chegar aonde a gente almeja pra poder atender a gente com mais assim é digamos atender mesmo as necessidades que a gente precisa né e ainda não chegou no objetivo que a gente acredita e que eu gostaria que estivesse ainda não chegou essa mudança, essa acessibilidade da forma que a gente precisa ela ainda não acontece.

Entrevistado: A inclusão ela não aconteceu ainda nos somos sujeitos assim é sujeitos é digamos assim tentando se incluir mais não tentando nos incluir ou digamos assim o sistema diz que quer incluir a gente só que não acontece não existe não funciona olha observe eu agora para ter o direito o direito meu e reivindicar um direito dos meninos com deficiência auditiva fomos ao ministério publico e conseguimos ... Na sociedade porque né e inadmissível você ver um estádio que foi recém-reformado não ter acessibilidade nenhuma.

Entrevistador 1: Como é trabalhada a leitura na sua escola, usam o Braille? Ou quais outras ferramentas que os professores utilizam para ministrar as aulas com leitura para você que tem baixa visão?

Entrevistado: Assim lá no colégio eu tenho acompanhante né a professora Giselia ela é minha professora que me acompanha professora auxiliar aonde assim ela lê as atividades né e eu respondo oralmente tá e também ela faz a transcrição pra me de textos quando é uma atividade assim que é necessário produzir texto quando é assim ela não está como por exemplo no inicio do ano letivo é o estado não tinha contratado ainda os serviços dela eu fiquei meio que perdido né perdido na sala ai eu precisava contar com a ajuda dos colegas primeiro porque é nem todos os professores assim lembravam de me eu tinha que tá batendo na tecla todos os dias né uma parte sim lembrava né eu posso citar exemplos de alguns da professora por

exemplo, professora de química sempre lembrava de me a professora de biologia também né agora os demais professores mais assim apenas dois professores ou perdão três professores porque os outros três eu tinha que tá batendo na tecla todos os dias colocando isso em cheque de que eu precisava desse apoio deles né aí os professores que me ajudavam sentavam ao meu lado e lia pra me a atividade para eu responder fora isso eu tinha que contar com o apoio dos colegas que estavam sempre a disposição mais percebo também que tem pessoas colegas que não é gostam assim de fazer atividades com a gente com nós com pessoas com deficiência mais isso não é o problema eu não me preocupo com isso primeiro porque eu sei o que eu quero no colégio mais assim no que tange a essas atividades hoje depois de ter entrado com essa ação no ministério público é que o estado contratou né a professora auxiliar e ela me dar uma força muito grande, digo pra você que sem o apoio desse professor auxiliar os prejuízos seriam muito grande quando digo os prejuízos eu já falo de outras pessoas também, mais se não tivesse o acompanhamento dela o apoio dessa professora auxiliar pra seria ruim mais hoje tá bacana com esse apoio da professora Giselia que me acompanha nas atividades do colégio.